

INTRODUÇÃO

Na história da literatura brasileira e da literatura portuguesa, há nomes que se destacam pela qualidade das obras que nos legaram e pela participação ativa em movimentos denunciadores.

No Brasil, o *romance de 30* e, em Portugal, o Neo-Realismo foram movimentos literários que visaram à conscientização da sociedade através da denúncia de problemas reais que ocorriam nos países. Os escritores dessa época viviam sob a ditadura e encontravam no fazer literário a oportunidade de chamar os leitores a refletir acerca dos acontecimentos utilizando, em seus romances, personagens explorados, marginais, humildes.

Para o presente trabalho, escolhemos a obra *Capitães da areia*, do brasileiro Jorge Amado, e *Esteiros*, do português Soeiro Pereira Gomes, pelas semelhanças entre ambas as obras.

Dividimos este trabalho em cinco capítulos. No primeiro, apresentamos o contexto histórico brasileiro da ditadura Vargas e, a seguir, o *romance de 30* e o que esse movimento significou para a literatura, especialmente em *Capitães da areia*. De igual forma, apontamos o contexto histórico da ditadura salazarista em Portugal, o que acarretou em termos de produção literária no surgimento do Neo-Realismo.

No segundo capítulo, evidenciamos comentários críticos acerca da influência do escritor Jorge Amado no que tange ao aparecimento do Neo-Realismo português, bem como sua obra *Capitães da areia* ser considerada fonte inspiradora para Soeiro Pereira Gomes elaborar o romance *Esteiros*.

No terceiro capítulo, analisamos o romance *Capitães da areia*, que representa uma denúncia social, característica própria de seu autor. Enfocamos *Esteiros* no quarto capítulo, denunciando a exploração do homem pelo homem, sob o prisma de documentário humano.

Por fim, no último capítulo, relacionamos os escritores em questão, suas obras e um tema comum: a infância abandonada, problema sério e inquietante.

1 CONTEXTO HISTÓRICO-LITERÁRIO

1.1 Ditadura Vargas

Em 1937, Getúlio Vargas dissolve o Congresso Nacional e instala o Estado Novo que permanece até o término da Segunda Guerra Mundial (1945) e a derrota dos governos ditatoriais através de eleições.

Explicaremos o contexto histórico em que eclodiu o Modernismo para que vejamos claramente o momento que vivia o Brasil.

Na década de 1920, tenentes revoltaram-se com a política café-com-leite. Esses militares em conjunto com os Estados pobres e explorados formaram o movimento tenentista com a finalidade de derrotar as oligarquias que dominavam o governo.

Em 1921, as oligarquias de São Paulo e Minas Gerais indicaram o mineiro Artur da Silva Bernardes para candidato à presidência. Os chefes políticos dos outros Estados escolheram Nilo Peçanha. Venceu o primeiro.

Em 1922, Artur Bernardes assume o governo entre as mais variadas manifestações de hostilidade devido à Revolta dos “Dezoito do Forte” encabeçada por dezoito tenentes, que eram contra a República Velha, ou seja, a política café-com-leite. Durante o seu governo várias revoltas ocorreram.

Em 1924, surgiu a Coluna Prestes liderada por Luís Carlos Prestes, jovem militar que apoiava as idéias dos tenentes. No mesmo ano, decretou-se o estado de sítio no País, que permaneceu até o final do ano de 1926. Nesse ano, Washington Luís assumiu o governo. A Coluna Prestes foi derrotada após percorrer doze Estados do Brasil, do Paraná até o sertão do Nordeste, pregando a revolta contra o governo. Contribuíram para a Revolução de 30.

Com a extinção da Coluna Prestes, houve a retomada do desenvolvimento da Nação durante o governo de Washington Luís e a paz política, bem como os altos preços do café, base da economia brasileira, pareciam direcionar o País ao progresso. Os cafeicultores criaram o Instituto do Café, armazenando a produção para regular as exportações e manter o preço.

Em 1929, a maioria dos cafeicultores faliu devido à retração do mercado consumidor e às exigências da liquidação imediata dos débitos acumulados. Muitos fazendeiros uniram-se aos militares, industriais e população das cidades, ficando assim mais forte o grupo contra o governo.

Em 1930, aconteceram novas eleições presidenciais. Washington Luís escolheu como substituto Júlio Prestes. Os mineiros, descontentes com o governo da República Velha, uniram-se ao Rio Grande do Sul formando a Aliança Liberal e lançaram Getúlio Vargas para Presidente com a seguinte plataforma política:

voto secreto, anistia política e criação de leis trabalhistas para regulamentar a jornada de trabalho. Realizadas as eleições em 1º de março de 1930, Júlio Prestes é eleito. A Aliança Liberal não concordou com o resultado e acusou fraude eleitoral.

Em outubro de 1930 e após deposto o Presidente eleito, alguns grupos se organizaram e, no início de novembro, entregaram o governo da Nação a Getúlio Vargas, começando a República Nova. Getúlio não conseguiu satisfazer ao mesmo tempo os tenentes e os oligarcas, pois eles tinham idéias que divergiam muito. O quadro político após a Revolução de 30 se distribuía por três forças: as oligarquias tradicionais, que haviam perdido o controle político; os tenentes, que defendiam um governo forte, ditatorial; os militares legalistas, que pretendiam a manutenção da ordem e um governo moderado.

Em 1932, fazendeiros, políticos e estudantes paulistas exigiram a reconstitucionalização do País e eleições. Foram derrotados mas realizaram-se eleições para a Assembléia Constituinte em 1934. Entre outras coisas, essa Constituição estabelecia que o primeiro Presidente seria eleito de forma indireta e foi empossado Getúlio Vargas.

Em 1934, o Partido Comunista cresceu em prestígio quando nele ingressou Luís Carlos Prestes. Comunistas, socialistas, tenentistas e sindicatos se unem e formam a Aliança Nacional Libertadora, que passa a ter grande expansão. Defendiam a nacionalização das empresas estrangeiras e se preocupavam com todas as espécies de reivindicações populares.

Em 1935, Getúlio Vargas promulgou um decreto, determinando o fechamento da sede da Aliança Nacional Libertadora e iniciou uma perseguição aos comunistas. Isso criou uma revolta, e o governo decretou estado de sítio para dominar a situação. Foram presos muitos políticos, intelectuais e operários.

Em 1937, invocando a ameaça comunista e com o apoio das Forças Armadas, Getúlio suspendeu as eleições presidenciais que seriam realizadas no ano seguinte e implantou o Estado Novo, um regime de força baseado numa Constituição imposta e que deu grandes poderes ao ditador: fechar o Congresso Nacional, dissolver os partidos, nomear interventores para os Estados, entre outros. Com essa Constituição, Getúlio passou a representar a própria Nação, seguindo as idéias de Hitler, Mussolini e Salazar. O Estado Novo pôs em ação um forte controle sobre a sociedade; quem era contra ia preso. Foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de controle ideológico e repressão. Exercia a censura total sobre o rádio, a imprensa e o cinema. A perseguição política aumentou, muitas pessoas foram exiladas. Só eram publicados livros e jornais que elogiavam a política do Estado Novo. Apesar disso, houve oposição por parte dos integralistas e do Partido Comunista, ilegal na época.

Em 1945, a ditadura teve seu término, através dos militares que depuseram

Getúlio Vargas. Esses militares haviam lutado na Segunda Guerra Mundial contra as ditaduras européias e não podiam mais sustentar o Estado Novo.

Depois de apresentada a época da ditadura Vargas, explicaremos o romance brasileiro de 30 e a importância de Jorge Amado no referido movimento.

1.2 Do romance de 30

Para situarmos o *romance de 30* no contexto cultural brasileiro, há a necessidade de se fazer referência aos nossos primeiros modernistas.

O Modernismo brasileiro eclodiu em 1922, com a *Semana de Arte Moderna*, de caráter revolucionário. Os autores que nele participaram, Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Menotti del Picchia e outros, pregavam a liberdade de expressão, a valorização da vida cotidiana, a utilização da linguagem coloquial e o verso livre. Este anticonvencionalismo dos temas e da linguagem fez com que algumas das criações dos primeiros modernistas fossem consideradas por muitos críticos como contendo pouco valor poético.

Depois do choque entre passadistas e modernistas, e o povo começando a aceitar uma poesia de integração e uma prosa que tratava da realidade tal qual é, sem idealizações e fantasias, deu-se por terminado o primeiro momento ou a primeira fase modernista: a de destruição.

A segunda fase era o momento de construção da nova estética, depurada já de todo o exagero e falsos valores, sem abrir mão das liberdades a tanto custo conseguidas pelos seus antecessores. É o período denominado *romance de 30*, que representa um conjunto de obras de ficção escritas no Brasil a partir de 1928 com o lançamento de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida.

A Revolução de 30, liderada por Getúlio Vargas, representou momentaneamente a união das classes médias urbanas, dos tenentes e oligarquias rurais, prejudicadas pela antiga política governamental que apoiava a cafeicultura. A geração literária de 30 teve influência nessa fase, visto que escritores como José Américo de Almeida, Jorge Amado e Érico Veríssimo descendiam de oligarquias decadentes ligadas aos sistemas produtivos das periferias do núcleo cafeeiro, que almejavam alfabetização, voto livre e melhores condições para os trabalhadores. A primeira edição de *A bagaceira*, de José Américo de Almeida, ultrapassa a fase de destruição e experimentação posteriores à *Semana de Arte Moderna*; o romance descreve a vida de sertanejos miseráveis e ignorantes que trabalhavam em engenhos. No prefácio intitulado *Antes que me falem* o autor escreve: *Há uma miséria maior do que morrer de fome no deserto: é não ter o que comer na terra de Canaã*¹.

¹ ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. p. 2.

Podemos interpretar essa passagem como sendo uma manifestação de surpresa de José Américo de Almeida pelo que acontecia no Nordeste, à situação de miséria do povo sertanejo. Sendo uma obra de cunho social, o Autor critica o sistema que poderia reverter essa situação caso houvesse interesse dos detentores do poder.

A geração literária de 22, ao destruir as formas de decadência de seus antecessores, contribuiu indiretamente aos narradores de 30. Estes, por sua vez, apenas valeram-se do caminho aberto e escolheram os próprios meios de expressão de idéias. Entretanto, a geração de 30 baseou-se, no que se refere à linguagem narrativa, no modelo de escritores do século XX, principalmente em Máximo Gorki, John Steinbeck, com suas obras sociais e proletárias.

Sergius Gonzaga, em *Manual de literatura brasileira*, aponta como características do romance do 30 a procura de verossimilhança, a linearidade cronológica, a análise psicológica, a tipificação social, a noção precisa de tempo e espaço, a correspondência entre a linguagem e a realidade, as técnicas fixas de narrar, o que delimita os autores de 30 como neo-realistas².

Destaca-se Jorge Amado entre os romancistas de 30 pelas características acima mencionadas. Em suas obras, conhecidas como "romances proletários", há a divisão do mundo em vilões, de um lado, representados pela burguesia urbana e rural, e de outro, os heróis, que são os abandonados, os desempregados, os marginais. O autor baiano demonstra de forma clara sua opção em defender os menos favorecidos. Um exemplo dessa atitude literária engajada ocorre no romance *Capitães da areia*, em cujo enredo a personagem Pedro Bala percebe sua condição de miséria e adquire consciência política.

Explicaremos a seguir a ditadura salazarista de Portugal, tendo em vista a importância de esclarecimentos sobre o assunto para que possamos prosseguir em nosso trabalho.

1.3 Ditadura salazarista

Em 1933, instala-se em Portugal a ditadura baseada no modelo fascista estabelecida por Antônio de Oliveira Salazar, professor de Economia da Universidade de Coimbra. O regime passa a se chamar *Estado Novo*, mantendo-se no poder durante quarenta e um anos até a Revolução dos Cravos em 1974.

Faremos um breve relato do movimento republicano que antecedeu a ditadura militar e, a seguir, da ascensão política de Salazar.

²GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. 8. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991. p. 211.

Até 1910, as forças políticas monárquicas imperavam em Portugal. A revolução que pôs fim à monarquia começou na noite de 3 para 4 de outubro daquele ano. Estavam envolvidas tropas do exército e da marinha e organizações revolucionárias do Partido Republicano. Em nenhum ponto do País, a proclamação da República encontrou a mínima oposição. O poder foi assumido por um governo provisório presidido por Teófilo Braga que, entre outras reformas, decretou a lei do divórcio, a lei da separação da Igreja e do Estado e criou as Universidades de Lisboa e do Porto.

Em 1911 foi criada a primeira Constituição Republicana. O órgão básico de toda a política era o Congresso da República. Em dezesseis anos, o regime republicano conheceu oito presidentes e cinquenta mudanças de governo.

O período de 1920 a 1926 foi a fase mais agitada da história da Primeira República, sendo assassinados alguns políticos de grande destaque, entre eles, Antônio Granjo, o Presidente do Ministério, que tinha sido derrubado por uma revolução democrática.

Em 1924, os operários, enquadrados em organizações sindicais anarquistas, faziam greves pela melhoria de salário. Muitas vezes as greves eram acompanhadas de violentas confrontações com as forças do governo. O Partido Democrático entrou em crise. A atividade dos partidos aparecia a um grande setor da opinião pública não como um processo de realização de uma política progressiva, mas como um obstáculo a essa política. Uma conjectura corrente dessa época era a de que só a ditadura poderia salvar os portugueses, e a revista *Seara Nova* desse ano publicou matéria apoiando e incentivando a opinião popular.

Não era só a oposição partidária que estava interessada na Revolução. As forças de direita também aspiravam a isso e agiram imediatamente sobre os chefes militares para que estes pusessem ponto final não só à hegemonia do Partido Democrático, mas ao próprio governo dos partidos, quaisquer que eles fossem. As tropas continuaram a avançar para Lisboa já depois da renúncia do Presidente, isto é, depois de atingido o objetivo inicial.

Em 17 de junho de 1926, as tropas entraram em Lisboa para impor a demissão do Ministério, no qual viam o último representante do antigo regime. Assim começou a ditadura militar (1926-1933).

Nesse período a obra da Primeira República foi julgada de formas diferentes. Para uns, foi um período totalmente negativo que substituiu a autoridade pela demagogia, desorganizou o aparelho do Estado, tornando-o incapaz de resolver problemas reais, empobreceu o País, retardou o processo econômico. Para outros, foi uma época de agitação fecunda e criadora, que fez a primeira experiência governamental democrática, interessou o povo no processo político, inovou a legislação da família e do ensino, permitiu a formação da

mentalidade política civilizada e progressiva revelada pelos intelectuais da revista *Seara Nova*.

Em 1927, o poder governamental concentrava-se inteiramente nas mãos de militares que aumentavam os gastos da Nação de forma alarmante. A única solução que os novos governantes viam para os problemas de Portugal eram os empréstimos estrangeiros. Mas a Inglaterra e a Sociedade das Nações retraíam-se e punham condições que eram consideradas ofensivas à independência. Para controlar a situação, foi nomeado Salazar, que equilibrou o orçamento, estabilizou o escudo, (a moeda portuguesa), e disciplinou a administração financeira. Essas medidas deram-lhe enorme prestígio e, em 1929, consideravam-no a única cabeça pensante e o homem forte do governo, porque aos outros ministros era vetada qualquer despesa sem sua aprovação.

Em 1932, foi nomeado presidente do Conselho de Ministros e nos Ministérios os generais foram, paulatinamente, substituídos por professores da Universidade de Coimbra. A seguir, Salazar criou uma Constituição que, submetida a plebiscito popular tendencioso, foi aprovada. Torna-se assim, chefe de Estado, situando-se acima dos poderes legislativo, executivo e judicial. O ditador apoiou-se em fascistas espanhóis e italianos e no nazismo alemão.

Para mobilizar a opinião eleitoral, criou-se a União Nacional, que pretendia enquadrar todos os que quisessem intervir nas atividades políticas. Esse organismo despertou, de início, adesões sobretudo nos quadros dirigentes do País, mas a falta de atos eleitorais durante muitos anos fez com que decaísse depressa numa situação apagada, sem qualquer vitalidade política. O alto pessoal do regime foi escolhido independentemente de pertencer ou não aos seus quadros e sem que a organização fosse ouvida. A oposição ativa refugiou-se em formas clandestinas cujas atividades foram perseguidas. Os meios de comunicação foram totalmente censurados. A maioria dos intelectuais permaneceu parte em oposição complacente, parte em contestação aberta.

A proibição de oposição organizada, o controle da imprensa e a forte personalidade de Antônio de Oliveira Salazar explicam sua longa estabilidade e as orientações da ditadura.

Passaremos agora ao Neo-Realismo português, um movimento literário que teve origem durante a ditadura salazarista como forma de conscientização dos leitores acerca da realidade do País.

1.4 Do Neo-Realismo

O Neo-Realismo surgiu a partir do repúdio que os escritores portugueses nutriam ao caráter estético dominante no movimento presencista e da descoberta

do romance de ficção norte-americano (John Steinbeck, Ernest Hemingway) e brasileiro dos anos de 30 (Jorge Amado, Érico Veríssimo). A literatura não deveria ser feita valendo-se de heróis pré-fabricados, mas sim, com os humildes, os que viviam à margem da sociedade. Igualmente deveria contribuir para a conscientização do público-leitor através de problemas concretos do País, caracterizados pela estrutura política, econômica e social. A idéia era a troca do descompromisso literário pela denúncia, ou seja, o escritor deveria estar ciente de sua posição de agente transformador do mundo, veiculando informações censuradas na imprensa durante a ditadura salazarista.

O movimento neo-realista iniciou e entre estudantes e jornalistas que colaboravam em um pequeno jornal *O Diabo* (1934-1940), a princípio órgão eclético e que aos poucos adquiriu diretriz única, com manifestações antipresencistas, e na revista *Sol Nascente* (1937-1940) que se apoiou na obra crítica do pensamento dialético.

O caráter polêmico lançado e a divisão extremista ideológica acarretada pela Segunda Guerra Mundial foram os fatores que marcaram o fechamento dos periódicos. Foi igualmente significativa a publicação do *Novo Cancioneiro*, coletânea de obras de jovens poetas como Fernando Namora, Carlos de Oliveira, entre outros, que divulgaram seus trabalhos.

Em 1940, Alves Redol publica *Gaibéus*, relatando o drama comovente de modestos trabalhadores do campo, no Ribatejo. É a obra considerada introdutora do movimento neo-realista na literatura portuguesa. É um documentário humano.

Em 1941, Soeiro Pereira Gomes lança *Esteiros*, que tipifica vigorosamente os sofrimentos das crianças empregadas nos telhais dos esteiros do Tejo. É também um documentário humano, onde são percebidas as influências líricas e realistas do baiano Jorge Amado.

Através de *Gaibéus e Esteiros* percebe-se que o Neo-Realismo foi um movimento de literatura social, de caráter reformador consciente e também uma literatura participante, denunciou a situação do homem do campo ou da cidade, injustiçado pelas estruturas sociais. Os neo-realistas enfocaram a árdua realidade das classes menos favorecidas e os seus dramas diários.

Considerado esclarecido o assunto pretendido neste capítulo, passaremos a abordar, no próximo, fragmentos de comentários críticos no que diz respeito à influência de Jorge Amado e o romance *Capitães da areia* publicado em 1937 para o surgimento do Neo-Realismo português em 1940 e para a produção de *Esteiros*, em 1941.

2 JORGE AMADO E SUA CONTRIBUIÇÃO AO NEO-REALISMO E A *ESTEIROS*

Inicialmente apresentaremos alguns comentários de críticos ressaltando a influência de Jorge Amado no movimento neo-realista português e a contribuição de *Capitães da areia* na elaboração de *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes.

A grande maioria dos críticos afirma que o romance de 30 brasileiro teve influência direta no surgimento do Neo-Realismo português. No que se refere às obras analisadas, confirma-se a posição dos críticos, ou seja, *Capitães da areia*, de Jorge Amado influenciou diretamente a produção de *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes. Vejamos o que afirmam alguns deles:

João Gaspar Simões, em *Literatura, literatura, literatura...*, exalta a figura de Jorge Amado e o classifica como um dos mestres do Neo-Realismo luso-brasileiro. Lança a questão sobre o papel que o romancista brasileiro desempenhou com a obra *Capitães da areia* no surgimento em Portugal do Neo-Realismo. A resposta a esse questionamento é que a subjetividade do escritor, animada pelos sentimentos reformistas e reivindicatórios da doutrina que professava é que interpretava o quadro da realidade social³.

A partir desse argumento, o crítico sugere que Soeiro Pereira Gomes tenha expresso algo de uma visão pessoal da realidade popular portuguesa na elaboração de *Esteiros*, quer dizer, o autor estaria motivado pela denúncia de infância abandonada presente no romance de Jorge Amado e, devido a isso, teria elaborado sua narrativa utilizando-se do mesmo tema.

Fernando Mendonça, por sua vez, afirma que o encontro do romance do Nordeste fazia-se no momento oportuno, e daí a influência que Jorge Amado teve na literatura dos anos 40 em Portugal. O brasileiro foi o modelo mais seguido pelos romancistas portugueses de então. Podem mesmo detectar-se certos modelos operacionais de narrativa onde as semelhanças são flagrantes⁴.

Essas semelhanças se tornam evidentes através da denúncia social que os autores abordam através da infância abandonada em ambos os romances analisados. O português seguiu o modelo de Amado, atrevendo-se igualmente a denunciar o martírio de meninos para que um País inteiro tomasse ciência da realidade nacional.

José Saraiva e Óscar Lopes, de igual forma, atribuem ao romance de 30, no qual Jorge Amado se destaca, como sendo influenciador do movimento

³ SIMÕES, João Gaspar. *Literatura, literatura, literatura*. Lisboa: Portugal, 1964. p. 317-321.

⁴ MENDONÇA, Fernando. *Do vintismo ao neo-realismo*: invariantes revolucionárias na literatura portuguesa. Correio do Povo, Porto Alegre, 02 out. 1976. Caderno de Sábado, p. 10.

português de 40 e “cuja leitura se faz sentir até em brasileirismos vocabulares e sintáticos dos neo-realistas portugueses formalmente mais descuidados”⁵.

Por seu turno, Adolfo Casais Monteiro opõe-se aos críticos anteriormente citados e afirma que Soeiro Pereira Gomes não havia lido *Capitães da areia* ao produzir *Esteiros*. E ainda: o romancista português, devido ao seu dom poético, foi ao encontro do sofrimento humano de seus meninos, aos quais amava e compreendia⁶.

Valemo-nos do estudo adquirido para a elaboração deste trabalho para concordarmos com as afirmações primeira, segunda e terceira. O brasileiro Jorge Amado, devido ao prestígio alcançado dentro e fora de nosso País, com sua literatura denunciante e com a absoluta honestidade para com seu leitor e o tema, teve decisiva influência na literatura lusa, colaborando para a implantação do Neo-Realismo português. No que se refere a sua influência direta na obra *Esteiros*, é válido e totalmente oportuno informar que em 1937, ano da publicação de *Capitães da areia*, Amado teve os exemplares apreendidos e incinerados em praça pública. Possivelmente, algum exemplar permaneceu em lugar seguro e adquirido clandestinamente em Portugal. Outra hipótese que formulamos: Soeiro Pereira Gomes, mesmo não tendo lido o romance brasileiro em questão, poderia ter informações orais sobre a obra.

3 CAPITÃES DA AREIA E A DENÚNCIA SOCIAL DE JORGE AMADO

Jorge Amado tem como uma de suas principais características literárias a denúncia de problemas sociais. Em *Capitães da areia* aborda o problema da infância abandonada, suas causas e conseqüências. Vejamos a maneira que o autor utilizou para abordar o problema.

Os capitães da areia são um grupo organizado de meninos que vivem em um velho trapiche no cais da Bahia e têm entre nove e dezesseis anos de idade. Já no primeiro capítulo o autor revela: *Vestidos de farrapos, sujos, semi-esfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarros* (p.27)⁷.

⁵ SARAIVA, José & LOPES, Óscar. *História da literatura portuguesa*. 5. ed. Porto: Porto Editora, [s.d.]. p.1043.

⁶ MONTEIRO, Adolfo Casais. *O romance (teoria e crítica)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964. p. 396-400.

⁷ A partir de agora, todas as citações que aparecerão neste capítulo, foram extraídas de: AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.

O chefe do bando é Pedro Bala, esperto e generoso, quinze anos de idade e há dez perambulando pelas ruas da Bahia. Desconhece a mãe e o pai morreram baleado. Arquiteta os planos de assalto.

A narrativa de cunho realista descreve o dia-a-dia do grupo e sua luta para conseguir alimento e dinheiro. Para tanto, utilizam-se dos mais variados expedientes: carregam malas das pessoas que desembarcam no cais, furtam carteiras, pedem esmolas, assaltam residências, sendo que este ocorre em maior freqüência.

Sem-Pernas, um dos integrantes do grupo, desperta piedade nas pessoas por ser coxo. Infiltra-se nas residências oferecendo-se como menino de compras. A real intenção é a de descobrir objetos valiosos para que posteriormente o bando assalte a referida residência. Então, os meninos vendem os objetos roubados e repartem o dinheiro.

Todos possuem vida sexual ativa. O Gato envolve-se com uma prostituta, que lhe dá dinheiro; os demais relacionam-se com as meninas de cor negra que encontram no areal. E há um caso de homossexualismo entre dois meninos no trapiche.

Professor, personagem que possui tendência artística voltada à pintura, desenha caricaturas de transeuntes na rua. Recebe algum dinheiro por isso. Surge um homem que fica impressionado com o talento do menino e entrega a este um cartão com seu endereço, prometendo ajudá-lo. Professor se desfaz do cartão e comenta com Pedro Bala: *Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão... Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão...* (p. 124).

Percebe-se que há revolta e indignação neste trecho. Os meninos não se iludem ao imaginar que de forma repentina toda a situação de miséria e ignorância desapareceria e seus problemas seriam resolvidos.

Outra personagem, Volta-Seca, admira Lampião, sente prazer ao ouvir as histórias do cangaceiro. Certa noite entra no trapiche com um jornal e pede a Professor que leia a notícia.

Lampião tinha entrado numa vila da Bahia, matara oito soldados, deflorara moças (...) O rosto sombrio de Volta-Seca se iluminou. Sua boca apertada se abriu num sorriso. (p.44)

Em *Capitães da areia*, Jorge Amado retrata o momento pelo qual passava o povo brasileiro na época da ditadura: descontente, miserável, mas continuamente a esperar por melhorias, só que por intermédio de ações alheias. Da mesma forma, denuncia outra conseqüência na vida dos menores que têm a infância abandonada:

a internação em reformatórios, onde são trancados em quartos escuros, solitários, sem alimentação adequada.

Pedro Bala é preso e na presença de dois soldados de polícia, um investigador e o diretor do reformatório, é questionado sobre o paradeiro dos capitães da areia. Bala permanece em silêncio recebendo agressões:

Vai se fazendo noite para ele (...) já não sente nada. No entanto, os soldados ainda o surram, o investigador o soqueia. (p. 174)

No dia seguinte Bala é levado ao reformatório. Recebe a seguinte descrição: *O tipo do criminoso nato. Traz todos os estigmas do crime na face (...)* *Vamos lhe dar honras especiais* (p.175).

O preso sabia o que eram essas “honras especiais”. E foi o que lhe aconteceu: pelo período de oito dias, foi trancado em uma cela isolada, recebendo como alimentação água e feijão, o que fez com que emagrecesse de forma assustadora.

Jorge Amado mostra ao público-leitor a realidade do que acontece no interior de um reformatório, entidade que deveria tratar os internos de maneira digna, aproveitar o tempo em que lá estivessem para educá-los, ensinar-lhes a ler e a escrever, indicar a direção para uma profissão a que se adaptassem. Mas nada disso ocorre. A instituição não é educativa; é uma prisão torturadora. O autor, através de uma linguagem crua e lírica, denuncia essas injustiças e ratifica sua posição favorável ao bando. E ainda, através da descrição do tratamento aos internos e a Pedro Bala, Jorge Amado lança a questão: é possível alguém ficar regenerado através de violência, fome e subordinado à lei do mais forte?

Por curto espaço de tempo o grupo goza da companhia de Dora, uma menina órfã desde que a mãe contraíra varíola e falecera. Dora foi levada ao trapiche por dois integrantes dos capitães da areia. A menina é vista como mãe e irmã pelo grupo, tamanha é a carência afetiva dos meninos: *Você é a mãezinha da gente, agora...* (p. 157).

O bando conta com a amizade de um padre, José Pedro, que os visita, pois seu desejo é catequizar essas crianças abandonadas, na esperança de encaminhar algumas para a vida sacerdotal. Em certa ocasião, o padre dá aos capitães da areia algum dinheiro para divertirem-se em um parque de diversões:

E eles esqueceram que não eram iguais às demais crianças, esqueceram que não tinham lar, nem pai, nem mãe, que viviam de furtos como

homens, que eram temidos na cidade como ladrões. (p.72)

A Igreja Católica seria totalmente omissa no romance não fosse a personagem do padre, censurado por um cônego, que o acusa de revolucionário, de comunista, de violar as leis da Igreja e do Estado. José Pedro defende os meninos:

- Roubam para comer porque todos esses ricos que têm para botar fora, para dar para as Igrejas, não se lembram que existem crianças com fome... (p. 135)

Poder-se-ia dizer que Jorge Amado encarna a personagem do padre ao justificar os atos do grupo e ao criticar a classe dominante. Há o contraste entre a vida miserável das crianças e a burguesia. Com esse procedimento, o autor expõe ao público-leitor o seu desejo de justiça e de solidariedade para com os meninos, faz com que os leitores entendam o quanto é grave o problema da infância abandonada e chama a atenção para a necessária urgência de conscientização da sociedade sobre o fato, exigindo das autoridades as devidas providências. Notamos que os meninos são revoltados, agressivos pela condição de miséria a que estão expostos.

Com o passar do tempo, cada um segue o seu destino. Professor parte para o Rio de Janeiro com a intenção de iniciar os estudos de pintura; Volta Seca integra-se ao bando do cangaceiro Lampião; Sem-Pernas comete suicídio atirando-se de um penhasco; Pedro Bala torna-se líder revolucionário perseguido pela polícia de cinco estados por organizar greves, dirigir partidos ilegais e por ser considerado como perigoso inimigo da ordem estabelecida.

Jorge Amado acentua seu lado político e comunista através de Bala. O romancista havia sido preso durante a ditadura Vargas por aderir a esse partido político, considerado ilegal na época. É no último capítulo do romance, “Uma pátria e uma família”, que há evidências acerca do posicionamento do autor:

No ano em que todas as bocas foram impedidas de falar, no ano que foi todo ele uma noite de terror, esses jornais (únicas bocas que ainda falavam) clamavam pela liberdade de Pedro Bala, (...)

(...) Porque a revolução é uma pátria e uma família. (p.235)

Reservamos o quarto capítulo, a seguir, para a abordagem de outro romance de cunho social e que de igual forma tem como temática central a infância abandonada de meninos. Trata-se de *Esteiros*, de Soeiro Pereira Gomes.

4 ESTEIRO, DOCUMENTÁRIO HUMANO DE SOEIRO PEREIRA GOMES

O romancista Soeiro Pereira Gomes foi vigiado durante a ditadura salazarista dos anos 40. Vinculou-se ao Neo-Realismo, cuja temática é baseada no documentário, no engajamento social. As obras são marcadas pela indagação social e pela denúncia dos efeitos da crise econômica de 1924 na cultura e civilização portuguesa, procurando demonstrar à sociedade que os pobres sofrem desumanamente devido às explorações a que estão sujeitos pela classe dominante.

Em *Esteiros* é abordada a infância abandonada de pequenos trabalhadores às margens do Tejo. Veremos a seguir a maneira adotada por Soeiro Pereira Gomes para denunciar este grave problema social.

Na abertura da obra, o romancista esclarece: *Esteiros. Minúsculos canais, como dedos de mão espalmada, abertos na margem do Tejo. Dedos das mãos avaras dos telhais que roubam nateiro às águas e vigores à malta. Mãos de lama que só o rio afaga* (p.9)⁸. Isto quer dizer que o trabalhador se encontra em um mundo onde sua força está em seus braços; vende seu esforço físico para a sobrevivência, resultando em máximo de trabalho e recebendo a mínima remuneração.

O romance inicia com o fechamento dos telhais significando desemprego. Gineto, Sagui, Maquineta, Gaitinhas, Guedelhas, Malessos pertencem a um grupo formado por crianças que trabalham nesse local, às margens do Tejo e recebem a fêria, ou seja, o pagamento da semana: *As moedas não tapavam o fundo das algibeiras; mas os projectos transbordavam dos cérebros infantis* (p. 14).

Um grupo de meninos mal-remunerados trabalha no telhal na época do ano em que são fabricados os tijolos, alguns desde a mais tenra idade: *Com 7 anos, ia o pai levá-lo pelas orelhas até à eira: — Mestre: tome-me conta deste fidalgo* (p.15).

Gineto é essa criança que, a princípio, é levada pelo pai alcoólatra ao local de trabalho e torna-se o chefe do grupo. *Ainda não era o gineto ladrão(...)* Mas já era mau e temido (p.16). O autor-narrador expressa o drama de sua

⁸ Todas as citações, neste capítulo, foram extraídas de GOMES, Soeiro Pereira. *Esteiros*. 5. ed. Lisboa: Europa-América, 1974.

personagem e de início induz o leitor ao questionamento sobre o que poderá acontecer a esta criança.

Os meninos não freqüentam a escola ou, quando estão no curso primário, são obrigados a abandoná-la para auxiliar no sustento da família. Vêem seus sonhos destruídos. O pequeno Gaitinhas desiste do colégio pelo fato de sua mãe ser enferma e depender do salário do menino para a aquisição de remédios:

Agora, depois que deixara a escola, tudo mudou. O príncipe da história, que ele se personificava, fora a enterrar naquele dia de começo das aulas, amortalhado na névoa que viera de longe, até à vila. (p.25)

O sonho de Gaitinhas era tornar-se médico, profissão que seu pai escolhera, considerando-a como aquela através da qual o filho teria um futuro digno. Porém, ao abandonar a escola, o menino pressente que é algo irrealizável.

Também a realidade de Guedelhas, outro trabalhador, é árdua. Recebe o pagamento, com o qual sustenta a família: *O moço saiu cabisbaixo, a contar a fêria que os irmãos e o pai, desempregado há dois meses, esperavam* (p. 15).

Soeiro Pereira Gomes prima pela veracidade ao descrever as personagens, seus dramas pessoais, suas misérias. Pelas passagens extraídas de *Esteiros*, notamos que o tema central é a infância abandonada de um grupo de meninos, que não freqüenta a escola, possui responsabilidade de pessoas adultas e sofre com a fatalidade da vida.

Entretanto, os meninos demonstram suas condições infantis ao visitar a feira que era um lugar de divertimento. O grupo deslizou no carrossel, nos cavalinhos e divertiram-se como crianças de sua idade. Posteriormente, roubam bolinhos de um tabuleiro e Gaitinhas, ao retornar ao casebre onde morava com sua mãe, dá a esta os bolinhos que não comeu.

Na seqüência da narrativa, com o advento do inverno, não há mais trabalho no telhal e o romancista português enfatiza a luta dos meninos para a sobrevivência. Durante o resto do ano, estão condenados à vagabundagem, à fome e a carências de todas as espécies. O autor português enfatiza a luta do grupo para sobreviver a qualquer custo. Gineto e os demais roubam sacas de laranjas e as vendem. A repartição do dinheiro da venda ocorre nas ruínas de uma capela, que era o abrigo de Sagui.

Todo o grupo mantém relações sexuais com a Doida, uma mulher perturbada mentalmente após ter perdido o filho. Sagui é o primeiro a envolver-

se com a mulher: *A Doida beijou-o. E ele esqueceu-se que era menino ao colo de mãe...* (p.108). Uma semana após, os outros meninos também se envolvem sexualmente com a louca, que os afaga e os torna homens. Estes, por sua vez, a presenteiam com o dinheiro das laranjas roubadas. O relacionamento permanece até o dia em que os meninos a vêem fugindo.

Com a chegada do verão, homens e meninos partem para os esteiros. Sob o olhar atento do capataz, não podem descansar, ir ao banheiro, muito menos beber água, sob pena de terem o valor da fêria descontado. Ninguém fala, as pás trabalham incessantemente, o sol redobra a violência e os homens se curvam cada vez mais como a pedir clemência e sombra. Há a esperança de que a maré suba para amenizar os ardores e a fadiga do corpo. Porém, a maré que surge é de cansaços maiores. Configura-se o auge do sofrimento com o trabalho intenso em meio ao calor do sol causticante e os maus tratos do capataz Zé Vicente, que, por sua vez, se submete aos mandos do Sr. Castro, proprietário da Fábrica Grande, pois estava endividado. Zé Vicente precisava de dinheiro a todo custo. Novamente os trabalhadores são vítimas da exploração, da falta de humanidade. Os empregados são forçados a entrar nos telhais, mesmo descalços e sem proteção corporal, a desenformar os tijolos ainda em brasa, o que lhes provoca queimaduras:

Gaitinhas deu o ombro à carga, mas deixou a cair, derreado pela violência do calor que lhe trespassou a camisa e queimou os ombros e orelhas.
(p.169)

Soeiro Pereira Gomes não consegue ver os meninos sem comoção ou adesão, de que resulta uma literatura social e engajada. O autor acaba transmitindo durante a narrativa sua reflexão sobre os acontecimentos.

No microcosmo de *Esteiros*, Gineto é o chefe da malta, com sua natureza rebelde mas acomodada à condição social que lhes é imposta. Mesmo vendo a diferença social que existe, não tem consciência da real situação dos meninos dos esteiros. Não adquire consciência revolucionária. Ao final do romance, é preso.

Soeiro Pereira Gomes, através da figura de Gaitinhas, apresenta sua maneira de acabar com a diferença entre as classes sociais, através do estudo e do trabalho. É a personagem que possui consciência social.

Gaitinhas-cantor vai com o Sagui correr os caminhos do mundo, à procura do pai. E, quando o encontrar, virá então dar liberdade ao Gineto e mandar para a escola aquela malta dos telhais -

moços que parecem homens e nunca foram meninos
(p. 175).

Poder-se-ia afirmar que em todo o romance Soeiro Pereira Gomes denuncia a infância abandonada de um grupo de crianças, quer seja quando são explorados nos telhais, quer seja quando roubam laranjas para a sobrevivência.

Abordados os romances escolhidos para o presente trabalho, passaremos ao quinto capítulo, onde apontamos o tema comum dos autores Jorge Amado e Soeiro Pereira Gomes.

5 JORGE AMADO E SOEIRO PEREIRA GOMES: UM TEMA COMUM

No decorrer da leitura de *Capitães da areia* e *Esteiros*, deparamo-nos com um tema comum: a infância abandonada. Já citamos anteriormente que são documentários humanos, enfocando a exploração de meninos expostos à miséria desde o seu nascimento.

Jorge Amado, ao invés de ver o homem como resultado de forças cósmicas, o vê como um ser responsável, cuja miséria é o resultado de condições históricas e sociais, do descaso de órgãos responsáveis como o governo, as instituições e a própria Igreja. Suas obras descrevem a vida dos marginais.

De forma semelhante, Soeiro Pereira Gomes também elaborou sua narrativa a partir da temática da exploração do homem pelo homem. Interessa-se pelo operariado.

Ambos os autores pretendem criar em seus leitores a consciência crítica, identificando assim os interesses da literatura aos de uma camada social de que ela, a literatura, passaria a ser intérprete.

Nos romances em questão, os personagens são tratados por cognomes que servem para exprimir os seus dramas interiores, as suas inclinações, bem como para expressar objetivamente aspectos de sua personalidade.

Como exemplos de *Capitães da areia* temos Pedro Bala, chefe do grupo de meninos e cuja alcunha refere-se ao fato de que o pai morrera baleado; o Gato gostava de se vestir bem, o mais elegante de todos; Sem-Pernas, era coxo.

Em *Esteiros*: Gineto era mau e temido, sonhava ser livre como homem. Acabou Gineto-ladrão, escorraçado e perseguido tal como sugere o apelido⁹.

⁹ Dicionário Caldas Aulete define *Gineto*: "Espécie de animal carnívoro, semelhante à raposa". p. 2436. vol. 3.

Maquineta: vivia falando em máquinas. Gaitinhas gostava de emitir os sons dos instrumentos da banda musical.

Há ainda o fato de que os meninos praticam furtos. Em *Capitães da areia*, ouro e outros objetos de valor, em *Esteiros*, laranjas. Jorge Amado e Soeiro Pereira Gomes justificam esses fatos, atribuindo-os às miseráveis condições de subsistência denunciando assim um problema social. Daí a sua iniciação no mundo marginal, através de pequenos assaltos, que são praticados para o sustento direto ou para vendas e, após, a subsistência.

Os meninos protagonistas, crianças como quaisquer outras, gostavam de se divertir em um carrossel no parque, como ocorre em *Capitães da areia*, ou então em *Esteiros*, os meninos se divertiam na feira, brincando com tiros de canhão, passeando de cavalinho. O que os difere das demais crianças são os episódios nos quais se envolvem, a dura realidade diária, a falta de carinho, de assistência. É constatada a morte da inocência, uma fase tão importante e fundamental na vida de todo ser humano, que influencia diretamente a fase adulta.

O final das histórias é revelador, tendo em vista o contexto social e político. Em *Capitães da areia* a maioria dos personagens se encaminha para uma vida que os antecedentes praticamente os dirige. Pedro Bala, por sua esperteza e autoridade de chefe, integra-se a um grupo de esquerda, que faz greves e luta por seus direitos, tentando melhorar a situação do país. Percebe-se a tentativa de romance engajado, onde a ideologia surge de maneira evidente. Bala foi o resultado da elaboração de um personagem que encarna ideais e por isso mesmo, toma consciência do processo histórico que fará justiça à população. O personagem, ao participar na luta dos operários e estudantes, encontra seu verdadeiro caminho, afastado da violência gratuita e da vida nômade que faziam parte de sua consciência alienada.

Em *Esteiros*, Ginetto, apesar de líder, não adquire consciência revolucionária. Era Gaitinhas quem possuía essa característica, percebia a possibilidade de acabar com o antagonismo das classes por intermédio dos estudos e do trabalho.

O posicionamento dos autores é totalmente favorável a essas crianças e os romancistas induzem o leitor a perceber que o fato grave abordado, a infância abandonada, é passível de mudanças, exigindo dos órgãos responsáveis as devidas providências.

CONCLUSÃO

Neste trabalho procuramos abordar a literatura engajada de Jorge Amado em sua obra *Capitães da areia*, e também do romancista Soeiro Pereira Gomes,

em *Esteiros*, onde denunciavam a realidade e o cotidiano de um grupo de meninos que não tiveram infância.

Reconhecemos a importância de um dos nossos maiores escritores do romance de 30 e sua influência no movimento neo-realista de 1940. Escolhemos um de seus inúmeros romances pela coragem e sinceridade em demonstrar ao leitor assuntos censurados na época da ditadura Vargas. Jorge Amado clama por justiça ao descrever suas personagens vítimas da miséria e expostas a situações próprias da fase adulta. De forma semelhante, Soeiro Pereira Gomes, ao elaborar *Esteiros*, coloca seus protagonistas na condição de miseráveis que vivem episódios nos quais são constatadas a morte da ilusão e da inocência.

Os romances em questão têm muitas semelhanças e, ao longo de nosso estudo, apresentamos opiniões de críticos, ressaltando a contribuição de Jorge Amado na literatura brasileira e no Neo-Realismo português.

Ambos os autores em suas obras apresentam caráter verossímil, pois retratam o contexto sócio-econômico-cultural do problema da infância abandonada no Brasil e em Portugal. No entanto, *Capitães da areia* e *Esteiros* não se limitam apenas à cópia desta realidade. Jorge Amado e Soeiro Pereira Gomes utilizam uma linguagem lírica. Colocam-se na posição do narrador, no entanto, encarnam as personagens diversas vezes.

Capitães da areia e *Esteiros* ficam na história literária como romances denunciadores, que chamam o leitor à reflexão sobre o que acontece a esses meninos que estão na fase da infância, vivendo como homens. Soeiro Pereira Gomes é o autor que melhor define as personagens inerentes aos romances: *moços que parecem homens e nunca foram meninos (p.175)*.

BIBLIOGRAFIA

- ABDALA Jr., Benjamim; PASCHOALIN, Maria Aparecida. *História social da literatura portuguesa*. São Paulo: Ática, 1982.
- ALMEIDA, José Américo de. *A bagaceira*. 26. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 1978.
- AULETE, Caldas. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Deita, 1968. 3 v.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.

- DACANAL, José Hildebrando. *O romance de 30*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *Literatura comentada: Jorge Amado*. São Paulo: Abril Editora, 1981.
- GOMES, Soeiro Pereira. *Esteiros*. 5. ed. Lisboa: Europa-América, 1974.
- GONZAGA, Sergius. *Manual de literatura brasileira*. 8. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- MENDES Jr., Antônio; MARANHÃO, Ricardo. *Brasil História: texto e consulta*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. 4 v.: Era de Vargas.
- MENDONÇA, Fernando. Do vintismo ao Neo-Realismo: invariáveis revolucionárias na literatura portuguesa. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 02 de out. 1976. Caderno de sábado, p. 10.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa*. 18. ed. São Paulo: Cultrix, 1982.
- _____. *Pequeno dicionário de literatura portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1981.
- MONTEIRO, Adolfo Casais. *O romance: teoria e crítica*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.
- SARAIVA, José; LOPES, Oscar. *História da literatura portuguesa*. 5. ed. Porto: Porto Editora, [s.d.].
- SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 8. ed. Lisboa: Europa-América, 1983.
- SIMÕES, João Gaspar. *Literatura, literatura, literatura...* Lisboa: Portugalíia, 1964.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.